

A Semana Santa de Braga nos arquivos da cidade*

Manuela Machado**

Rui Ferreira***

Introdução

As Solenidades da Semana Santa de Braga são indiscutivelmente as mais relevantes celebrações pascais do calendário nacional. O seu programa conjuga atos litúrgicos e devocionais com manifestações de religiosidade popular, como procissões e vias-sacras.

As suas representações mais relevantes são efetivamente as procissões, autênticas recriações do cerimonial público cristão, com uma capacidade mobilizadora assinalável e cuja essência ultrapassa claramente os limites da

* Este artigo resulta do trabalho de investigação dos autores, elaborado no âmbito da exposição “A Semana Santa de Braga nos Arquivos da Cidade”, iniciativa integrada nas Solenidades da Semana Santa de Braga, que decorreu entre 23 de março e 10 de Abril de 2015, na galeria do Salão Medieval.

** Técnica Superior de História na Santa Casa da Misericórdia de Braga. Doutoranda em História, variante Património no Departamento de História da Universidade do Minho.

***Assessor do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Braga. Doutorando em Estudos Culturais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (ruimferreira@gmail.com).

crença devocional e se situa hoje num patamar turístico-cultural evidente. O conhecimento e estudo da sua presença em fundos documentais arquivísticos permite-nos conhecer a evolução que estas solenidades tiveram ao longo do tempo e os vários momentos que a constituíram. Os arquivos assumem-se cada vez mais como importantes “lugares de memória” e os seus núcleos documentais dão-nos a conhecer novas perspetivas de análise, permitindo-nos (re)construir novas representações da nossa cultura e identidade.

O presente artigo foi elaborado para a exposição “A Semana Santa de Braga nos Arquivos da Cidade”, iniciativa integrada nas Solenidades da Semana Santa de Braga, que decorreu entre 23 de março e 10 de Abril de 2015, na galeria do Salão Medieval. Esta exposição foi organizada conjuntamente pela Comissão da Quaresma e Solenidades da Semana Santa, Câmara Municipal de Braga, Conselho Cultural da Universidade do Minho e Santa Casa da Misericórdia de Braga, tendo contado com a prestimosa colaboração do Arquivo Distrital de Braga, ASPA, Biblioteca Pública de Braga, Comissão Administrativa da Igreja dos Terceiros e Irmandade de Santa Cruz.

1

A procissão de Cinzas da venerável Ordem Terceira

A procissão de Cinzas, desaparecida do quotidiano de Braga há mais de um século, marcava o início da Quaresma com um imponente cerimonial público proveniente da igreja dos Terceiros, onde desfilavam centenas de corporações religiosas carregando andores e lanternins entre cânticos e orações.

Este préstito, organizado pela Ordem Terceira de S. Francisco desde o último quartel do século XVII, realizava-se na tarde da quarta-feira de Cinzas e era composto por um elevado número de andores. Isso mesmo vem referido sucessivas vezes no quinto “Livro de Termos” da Ordem Terceira bracarense¹. Em meados do século XVIII, a procissão integrava os andores de S. Francisco, Santa Isabel da Hungria, Santa Isabel de Portugal, S. Luís de França, São Ivo, Santa Margarida de Cartona, Santa Rosa de Viterbo, os Bem-Casados (Santa

Bona e Santo Lúcio) e São Roque². Grande parte destas devoções estava associada à espiritualidade franciscana, funcionando como apelo à penitência, esmola e conversão. Integrado na procissão, com recurso a uma admirável representação em roca, estava o andor de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da Ordem Terceira.

Tratava-se de um dos mais imponentes préstitos realizados na cidade de Braga, não apenas pelo número de figurantes, mas devido essencialmente ao elevado número de andores transportados, alguns deles de grandes dimensões. O andor de maior dimensão seria certamente o andor da visão de S. Francisco, conjunto que integra três imagens, estando ao centro a representação de Cristo crucificado. As imagens que compunham o cortejo bracarense eram maioritariamente de roca e eram para uso exclusivo da procissão.

A esse respeito surgem algumas notícias nos alvares da imprensa bracarense. O jornal “O Bracarense”, na sua edição de 30 de Janeiro de 1869, dá nota da realização da procissão de Cinzas no dia 10 de Fevereiro seguinte, pelas 15h00, precisamente Quarta-Feira de Cinzas. Na mesma publicação se refere que se havia resolvido naquele ano “fazer sair” a procissão “com todo o possível esplendor”³. Esta menção dá-nos nota que a procissão não se realizaria todos os anos, o que nos parece compreensível face à quantidade de meios exigíveis para tão grande cerimonial público.

Sabemos que o préstito de 1869 percorreu, por esta ordem, o Passeio da Lapa (praça da República), rua de S. Marcos, rua de S. João, Senhora do Leite, rua Nova, rua dos Biscainhos, Campo da Vinha e rua dos Capelistas. A procissão saiu novamente 1874 e, depois de um ano de interregno, novamente em 1876⁴. Sabemos que nesse ano a procissão se apresentou “aparatosa” e com “ricos andores”, fruto dos “sacrifícios” realizados pelo Definitório da Ordem Terceira. O itinerário desse ano diferiu relativamente ao anunciado em 1869, percorrendo desta feita o “largo da Lapa, Praça do Barão de S. Martinho, rua do Souto, rua Nova de Sousa, Biscainhos, Campo D. Luiz I (Campo da Vinha) e rua dos Capelistas”.

A procissão terá tido a sua derradeira edição em 1905 (Maria José Proença, 2002), acompanhando certamente o decréscimo da corporação responsável.

2 O Lausperene Quaresmal

Já passaram 305 anos desde que foi instituído o Lausperene Quaresmal na cidade de Braga, tradição que consiste num período de dois dias de adoração permanente do Santíssimo Sacramento em cada templo da cidade.

A iniciativa partiu do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, de cuja energia e dinamismo Braga favoreceu entre 1704 e 1728. Este prelado, quando em 1710 fez o relatório para a sua primeira visita “*Ad Limina*”, pediu ao Papa Clemente XI a instituição do Lausperene Quaresmal nas igrejas da cidade de Braga, começando na Quarta-feira de Cinzas e terminando no Domingo de Ramos. Esta celebração deveria ter as mesmas indulgências que haviam sido concedidas anteriormente às igrejas de Lisboa, no ano de 1682. Entretanto, todos os templos da cidade deveriam ser dotados de uma tribuna na capela-mor, para que se pudesse fazer a exposição do Santíssimo Sacramento, com a devida magnificência, entre outras alfaías necessárias para o mesmo cerimonial.

Passados mais de três séculos, a tradição continua viva e enraizada na vivência quaresmal dos bracarenses. São, no total, 23 os templos que acolhem o Lausperene Quaresmal, que decorre ao longo de dois dias em cada igreja, tempo durante o qual a Sagrada Eucaristia está exposta em adoração permanente desde o princípio da manhã até ao fim da tarde.

Para os cristãos bracarenses, esta é uma altura especial do ano, e para as paróquias e confrarias responsáveis pelos templos também se torna um momento privilegiado. As igrejas são decoradas primorosamente com flores, velas e monumentais cortinas, contrastando com a austeridade que os cânones litúrgicos aconselham por estes tempos quaresmais.

As tribunas, habitualmente localizadas ao centro do altar-mor em forma de escada, continuam a ser o lugar por excelência da adoração eucarística. A porta principal da igreja é vedada com uma enorme cortina púrpura e, junto à entrada da mesma, acolhem-se as habituais “rebuçadeiras”, que têm o ofício de tentar os fiéis com os tradicionais “rebuçados do Senhor” embrulhados em papéis multicolores.



Imagem 1 – Foto do Lausperene Quaresmal na igreja do convento de Nossa Senhora da Piedade e dos Remédios nos primeiros anos do século XX (Arquivo das Franciscanas Missionárias de Maria)

Quanto às 23 igrejas onde decorre o Lausperene, o calendário não tem sofrido significativas alterações nas últimas décadas. Esta tradição apenas se realiza nos templos de maior dimensão, sendo que dois deles sucumbiram nas primeiras décadas do século XX: a igreja dos Remédios, demolida em 1911; e a igreja do Paço (atual Arquivo Distrital), desmantelada em 1921. Com a criação da paróquia de Santo Adrião em 1983 e com o alargamento da área da cidade até Ferreiros, estas duas paróquias passaram recentemente a estar também integradas no calendário do Lausperene Quaresmal.

Esta tradição bracarense, impregnada de um âmbito religioso e devocional, também integra uma perspetiva estética, dado que as igrejas da cidade adquirem uma particular beleza durante os dias em que são “visitadas” pelo Lausperene Quaresmal. Entre flores e castiçais, cortinas e luminosidade, muitos templos continuam a optar pela exposição eucarística nas tradicionais tribunas que, em muitos casos, só são exibidas ao público nesta altura do ano.

3

As Vias-Sacras nas sextas-feiras da Quaresma

A Via-Sacra, também conhecida como Via Crucis ou Via Dolorosa, é uma oração de contemplação que convida os fiéis cristãos a reconstituírem o caminho de Jesus Cristo desde o Pretório até ao Calvário. A sua origem recua ao século IV, sendo prática habitual dos peregrinos que visitavam Jerusalém.

Durante a Idade Média tornou-se oração frequente no tempo litúrgico da Quaresma um pouco por toda a Cristandade, trazida pelas ordens militares que combateram nas Cruzadas. Tendo o período quaresmal adquirido uma particular relevância no quotidiano das comunidades cristãs, beneficiando até de indulgências particulares, muitas cidades erigiram cruzeiros e altares nos seus espaços urbanos, com o intuito de permitir um circuito público para a vivência da oração da Via-Sacra. Celebrada todas as sextas-feiras da Quaresma, detém, por tradição, 14 estações ou passos, embora esta configuração tenha sido definida apenas em 1741 por intermédio do Papa Bento XIV⁵.

Na cidade de Braga o percurso da Via-Sacra seria constituído por oito passos, que correspondiam às oito portas que integravam o perímetro das muralhas medievais, sendo realizado em todas as sextas-feiras da Quaresma ou, episodicamente, durante tempos de clamores. Habitualmente o percurso iniciava-se na Porta Nova, seguindo extramuros sucessivamente pelas portas de S. Francisco, Santo António, do Souto, São João, Santiago, S. Sebastião e terminando na Porta de Nossa Senhora da Ajuda, que dava acesso à Sé Primaz⁶. Este percurso vigorou, pelo menos, até ao último quartel do século XVIII, altura em que a Irmandade de Santa Cruz procedeu à edificação de igual número de calvários.

Estes altares vão ser construídos, provavelmente, a partir do momento em que a procissão do Senhor dos Passos passa a ser competência da Irmandade de Santa Cruz. Precisamente a partir do ano de 1774 regista-se um grande investimento nos Passos⁷, altura em que os mesmos terão sido encomendados ao arquitecto bracarense Carlos Amarante. Hoje em dia, subsistem seis destas estruturas edificadas, embora, durante a Semana Santa, sejam oito os pequenos altares onde figuram painéis com momentos da Paixão de Cristo. Dois dos

oito Passos foram desmantelados em finais do século XIX, presumivelmente o que se localizava no piso inferior do oratório de Nossa Senhora da Abadia, que estava acoplado à Porta do Souto, e também o Passo outrora localizado na cabeceira da Sé. A cidade de Braga provavelmente nunca teve uma Via-Sacra com as 14 estações tradicionais, tendo assumido o mesmo número de calvários do circuito medieval.

Um outro dado relevante é o facto de, a partir de 1743, as procissões da Via-Sacra terem passado a registar a participação de uma delegação municipal constituída pelo “Juiz de Fora, três vereadores, procurador e escrivão”. Esse mesmo dado aparece refletido nos Livros de Receita e Despesa do Senado Municipal sucessivamente em todas as sextas-feiras da Quaresma⁸. Este facto atesta a relevância comunitária que as celebrações quaresmais detinham em meados do século XVIII. Recordemos que a participação municipal em procissões apenas sucedia nas mais importantes ordenanças que integravam o calendário anual da cidade.

4

A procissão do Senhor dos Passos

A procissão dos Passos, organizada anualmente no Domingo de Ramos pela Irmandade de Santa Cruz, é a primeira grande iniciativa da Semana Santa de Braga. A instituição organizadora, realiza esta procissão desde o ano de 1773, altura em que a confraria então existente se fundiu com a Irmandade dos Passos do Senhor, anteriormente sediada na demolida capela de Santana (1769), e que já teria a incumbência de realizar esta procissão. Esta corporação havia sido fundada em 1597 na igreja do Pópulo, numa das capelas laterais. Isso mesmo está exposto no "Dicionário Geográfico" do Padre Luís Cardoso: "... a Capela do Senhor com a Cruz às costas, que he, e tem a Irmandade dos Passos do Senhor, que na Terceira Dominga da Quaresma costuma fazer nesta Cidade a Procissão dos Passos"⁹. A procissão realizou-se, portanto, a partir do templo dos agostinianos até 1735, altura em que se deu a mudança para a Capela

de Santana. Um outro dado que se ressalta é o facto de o préstito decorrer no terceiro domingo da Quaresma.

As primeiras notícias a respeito da procissão do Senhor dos Passos no Arquivo da Irmandade de Santa Cruz aparecem precisamente em 1773 e despesas só se contam a partir de 1774¹⁰.

O objetivo desta procissão é reconstituir o caminho (os passos) de Jesus Cristo desde o Pretório até ao Calvário. Por isso mesmo, ainda hoje, a procissão cumpre o itinerário dos Passos (calvários) espalhados no centro histórico.



Imagem 2 – Foto da Procissão do Senhor dos Passos a atravessar a rua D. Paio Mendes no ano de 1918 (Arquivo Aliança, CMB, n.º 525).

A preparação para a procissão ocorre na véspera do Domingo de Ramos quando a imagem do Senhor dos Passos é conduzida desde a igreja de Santa Cruz até à igreja de S. Paulo. No Domingo de Ramos, durante a tarde, partindo da igreja do Colégio a procissão inicia-se percorrendo as ruas da cidade com inúmeros figurantes. Num passado não muito distante, a procissão era antecedida por grupos de farricocos, vestidos de túnicas roxas. Eram os penitentes anónimos que executavam as “penas” atribuídas pelo confessor. Em memória destas figuras, abre a procissão um farricoco, carregando simbolicamente um trompete.

Antero de Figueiredo, na sua obra “O Último Olhar de Jesus”, destaca a forma como este préstito decorria, particularmente os altos guiões que abriam o cortejo. Nesta obra são descritas muitas das tradições religiosas bracarenses, entre elas a Procissão dos Passos: «A procissão dessa tarde levava na frente alto guião, de grande varejo, arvorado por farricocos descalços, vestidos de túnicas roxas cingidas às cintas com cordas de esparto, de que também era feita a coroa das cabeças cobertas com capuzes penitenciários, em que os dois buracos, no sítio dos olhos, semelhavam enormes órbitas de pavorosas caveiras. Logo, a máquina do “ruge-ruge” taramelava a sua impertinente cega-rega. (...) O estandarte, pesadíssimo, era empunhado por farricocos escolhidos entre valentes que, como os do guião dianteiro, tinham de fazer com ele o difícil arranco da «enfiada» sob os arcos do Postigo da Porta de São João do Souto. Aos lados, longas e silenciosas filas de irmãos de Santa Cruz, com as suas opas violáceas; e, pelo meio da rua, penitentes vestidos de alvas (...) Debaixo do andor do Senhor dos Passos, mulheres penitentes, de joelhos; ao lado do pálio caminhavam irmãos com pesadas lanternas de prata. Nas torres os sinos dobravam plangentes, de onde a onde...»¹¹.

O ponto alto ocorre quando o préstito atinge o largo Carlos Amarante, defronte da igreja de Santa Cruz, onde é pronunciado o sermão do Encontro. Após este momento, a procissão prossegue a sua marcha, agora com o andor de Nossa Senhora da Soledade incorporado. Nos finais do século XIX, contudo, este momento não é citado, ocorrendo sim dois sermões: o Sermão do Pretório e o Sermão do Calvário, o primeiro realizado na igreja do Colégio, ao iniciar-se a procissão, e o último ao recolher, na igreja de Santa Cruz. Realizava-se, então, no quinto Domingo da Quaresma.

5

A Procissão do Senhor "Ecce Homo": a antiga Procissão de Endoenças de Quinta-feira Santa

A Procissão de Endoenças, de Quinta-feira Santa, evoca o julgamento de Jesus Cristo e a sua flagelação. Atualmente é mais conhecida por Procissão do Senhor "Ecce Homo", devendo o seu nome à expressão latina utilizada por Pilatos quando o apresentou à multidão: "– Eis aí o Homem", aquando do julgamento que ditou a sua crucificação. A imagem do Senhor *Ecce Homo*, único andor presente nesta procissão, representa Jesus Cristo, coroado de espinhos e mãos atadas, como rei dos Judeus, e que o governador romano pôs a ridículo colocando-lhe na mão uma cana verde, simulando um cetro real (daí também se chamar a esta procissão de "Senhor da Cana verde").



Imagem 3 – Foto da Procissão do Senhor "Ecce Homo", na década de 1960: pormenor do andor do Senhor "Ecce Homo". (Arquivo Arcelino/ASPA/Fototeca do Museu Nogueira da Silva/UM, n.º 3775).

Ao dia de Quinta-feira Santa dava-se o nome de Dia da Remissão, da Indulgência ou Endoenças, pois neste dia fazia-se a reconciliação dos penitentes públicos, prática que durou até ao século XIV e teria sido substituída pela Procissão da Penitência, que serviria, como refere o Compromisso da Misericórdia de Braga, de 1628, para “ir visitar em procissão algumas igrejas e sepulcros, em que está o santíssimo sacramento, e com esta demonstração exterior espertar o povo christão ao devido sentimento da paixão de Christo Redemptor”, promovendo ao mesmo tempo a penitência “aos fieis christãos, que reconhecerem seus peccados”, e quiserem fazer alguma penitência nestes dias¹².

Ao que tudo indica, esta procissão é organizada pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Braga desde os seus tempos fundacionais, pois já no Compromisso de Lisboa, pelo qual esta se regia até ter estatutos próprios, se determinava ser obrigação dos Irmãos acompanharem a “Procissão dos Penitentes”, na Quinta-feira de Endoenças, ou Indulgências, pois “aquelle dia se faz em memoria da Paixão de Christo Redemptor”¹³.

Sabemos também que pelo menos desde 1533 se realizava a cerimónia do lava-pés na Semana Santa e que em 1548 a Misericórdia mandou pintar os “martírios da paixão”¹⁴.

Era obrigatória a participação de todos os irmãos nesta procissão e cabia ao provedor e mesários a preparação atempada desta procissão¹⁵. Analisando algumas fontes do século XVIII, sabemos que em alguns anos era frequente fazer-se um sermão ao recolher da procissão¹⁶.

A sua realização sofreu algumas interrupções ao longo do tempo, destacando-se a de 1809, decorrente da imposição do governo francês, por ocasião das Invasões, que proibiu a realização de procissões na Quaresma, mantendo-se as restantes atividades próprias desta época, nomeadamente os atos litúrgicos no interior da Igreja da Misericórdia.

O Compromisso da Irmandade estipulava que a procissão se realizasse pelas 8 horas da noite, mas nem sempre foi assim. Em 1743, determinações régias haviam imposto que as procissões se fizessem de dia, pelo que o horário da mesma passou para as 3 horas da tarde¹⁷.

Como estabelecia o Compromisso, a procissão era aberta pelos “fogaréus”, seguindo-se as lanternas, atrás das quais seguia uma bandeira da irmandade, que seria levada por um irmão nobre¹⁸.

Os irmãos iam organizados em duas filas, no meio das quais a bandeira com a representação do Senhor *Ecce Homo* era transportada por um irmão oficial, acompanhado de sacerdotes. Seguiam-se as restantes bandeiras da irmandade, levadas por dois irmãos, um nobre e outro oficial, indo em cada ilharga de cada insígnia dois irmãos com tochas acesas. No fim, seguia o andor com a imagem do Senhor *Ecce Homo*, quase desnudada e coroada de espinhos, segurando na mão uma cana verde. Debaixo do pálio, transportado por irmãos nobres, o escrivão ou capelão levariam a imagem de um crucifixo. Ambos seriam ladeados por doze irmãos, seis nobres e seis oficiais, com tochas acesas, sucedidos de sacerdotes entoando “em canto de órgão o Salmo de Miserere mei Deus”, a que respondiam outros sacerdotes, que também seguiam divididos em coros entre a irmandade. Os penitentes integravam o corpo processional, em auto-flagelação, símbolo do martírio de Cristo.

Para que a procissão prosseguisse ordeiramente, alguns irmãos nobres orientavam-na com as varas nas mãos, acompanhados de confrades que levavam doces e o que mais fosse necessário “pera a consolação dos penitentes” que integravam a procissão¹⁹. Estes, pelos sacrifícios que padeciam, mereciam a assistência da irmandade, como nos revela uma passagem de 17 de março de 1727, na qual se mandou providenciar água e vinho para além dos doces. No fim, à chegada à Misericórdia, encontravam-se “físicos” para tratarem das suas feridas e os vestirem.

No século XVIII, foi introduzida uma pequena ceia, que ainda hoje se realiza, para alguns participantes da procissão²⁰.

Os estatutos também nos dão conta que na Quinta-feira Santa, os mesários deviam visitar algumas igrejas e sepulcros em que estava o Santíssimo Sacramento, costume que com o tempo foi esmorecendo e desaparecendo, pois muitas igrejas já se encontravam fechadas à noite, consequência de pastorais e outras ordens do Arcebispo Primaz.

7 Farricoco: A figura do penitente da Semana Santa de Braga

Os farricocos são figuras características e incontornáveis da Procissão de Endoenças e da Semana Santa bracarense. Tal como hoje em dia, vestiam-se com túnicas negras, os chamados balandraus, cingidas por uma corda. A cabeça era coberta com um pano idêntico e coroa de sisal e andavam descalços.

Na Quinta-feira Santa percorriam as ruas da cidade com as suas matracas, caixas de madeira montadas no topo de varas negras e que faziam rodar sobre um eixo, chamando os fieis ao culto e lembrando a todos os presentes e ausentes a necessidade de se penitenciarem pelos pecados cometidos e de irem à confissão quaresmal.

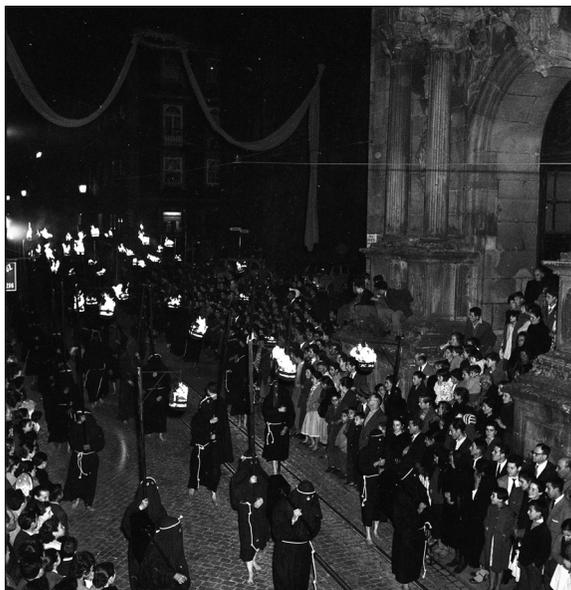


Imagem 5 – Foto da Procissão do Senhor “Ecce Homo” na década de 1960: pormenor da passagem dos farricocos com os fogaréus. (Arquivo Arcelino/ASPA/Fototeca do Museu Nogueira da Silva/UM, n.º 3788).

Os farricocos iam à frente da procissão, a abrir o cortejo. Uma parte deles levava as matracas, que de vez em quando faziam ouvir, outra parte levava os fogaréus, taças metálicas, colocadas em altas varas negras de madeira, com pinhas a arder em grandes labaredas. Acompanhavam-nos alguns farricocos com cestas de pinhas para que o fogo se mantenha sempre aceso²¹.

Os fogaréus eram a representação dos archotes “que levarão os isrrailitas na procissão de Christo senhor nosso”, lembrando a essência da realização da procissão, tal como se fazia em quase todas as cidades e vilas do Reino.

A origem destas figuras remonta aos tempos do paganismo pré-cristão e aos costumes praticados no Império Romano. Nesta altura, os cortejos de condenações à morte eram abertos por representantes da guarda romana, mascarados, que anunciavam a passagem dos condenados e percorriam as ruas anunciando os seus crimes.

Posteriormente cristianizados, andavam pelas ruas chamando os pecadores públicos, os quais, depois de também terem feito penitência durante a Quaresma e se mostrarem arrependidos, iam ser publicamente perdoados e reintegrados na Igreja, aplicando-lhes a indulgência ou «endoença». Esta prática de reconciliação dos penitentes públicos durou até ao século XIV, quando teria sido substituída pela Procissão da Penitência.

Entre os penitentes misturavam-se vários tipos de pessoas, oriundos de distintas classes sociais, que vestidos de penitentes e a coberto da escuridão, denunciavam as culpas das pessoas da cidade que assistiam à procissão aterrorizadas pela possibilidade de serem apontadas²².

A sua integração na procissão de Quinta-feira Santa nem sempre se verificou e nem sempre foi consensual, devido aos distúrbios e perturbações que causavam.

Atualmente, os farricocos têm um significado menos histórico e sobretudo mais simbólico, representando os antigos penitentes públicos. Evocam a memória histórica deste dia, chamando os Irmãos da Misericórdia para a procissão da noite.

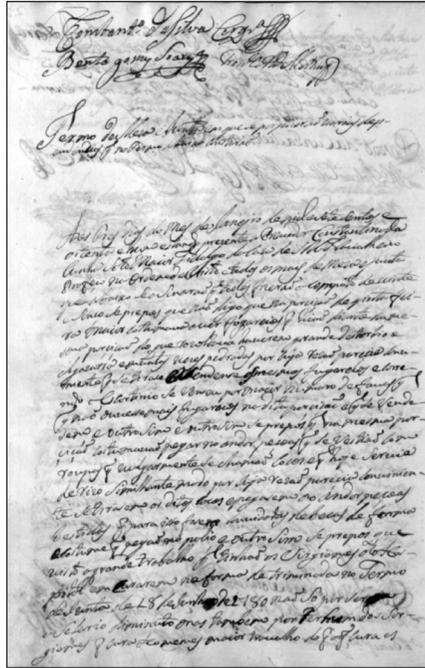


Imagem 6 – Livro dos Termos , 1781: onde se refere não haver mais fogaréis na Procissão de Endoenças, devido ao grande distúrbio que causavam. (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1780-1787, n.º 19, fl. 27v.).

8 Sexta-Feira Santa: A Procissão do Enterro do Senhor

A Sexta-Feira Santa, celebração móvel em que os cristãos recordam a paixão e morte de Jesus Cristo, constitui-se como dia de maior relevo para as solenidades da Semana Santa de Braga. Isso mesmo aparece devidamente exposto na documentação disponível, particularmente nas deliberações da Irmandade de Santa Cruz, responsável primeira pela Procissão do Enterro, mas ainda em curiosas partilhas deixadas por memorialistas bracarenses como Inácio José Peixoto, João Luís Jácome e também pelo anónimo autor do célebre manuscrito “Livro Curioso”.

Sobre a Procissão do Enterro, presentemente organizada pelo Cabido da Sé, temos a informação que entre o século XVII, época em que se terá começado a organizar, e meados do século XIX era organizada exclusivamente pela Irmandade de Santa Cruz. A sua forma aparece citada no “Dicionário Geográfico” do Padre Luís Cardoso, compêndio datado de 1758²³. Segundo esta fonte, a procissão decorria “de noite, com Sermão no fim, em que se mostra o Santo Sudario”, acrescentando que “neste Reino se não faz outra com mais devoção, nem com tanto aceio”. Este facto é sublinhado também pelo autor do Livro Curioso, que menciona que a procissão do Enterro de 1770 se realizara “com todo o asseio como he costume”²⁴.

Um outro apontamento, desta feita de João Luís Jácome, indica-nos o percurso da procissão no ano de 1803. Partindo de Santa Cruz em direcção ao Campo de Santana, tomou o “Campo da Vinha, e se abrigou nas Igrejas do Salvador, e Popello, e veio pella rua nova asima, rua de S. Marcos, e recolherce a Santa Cruz”. Neste ano, a procissão foi obrigada a recolher-se em dois templos da cidade devido à chuva, que também importunou as celebrações relativas ao ano de 1770²⁵.

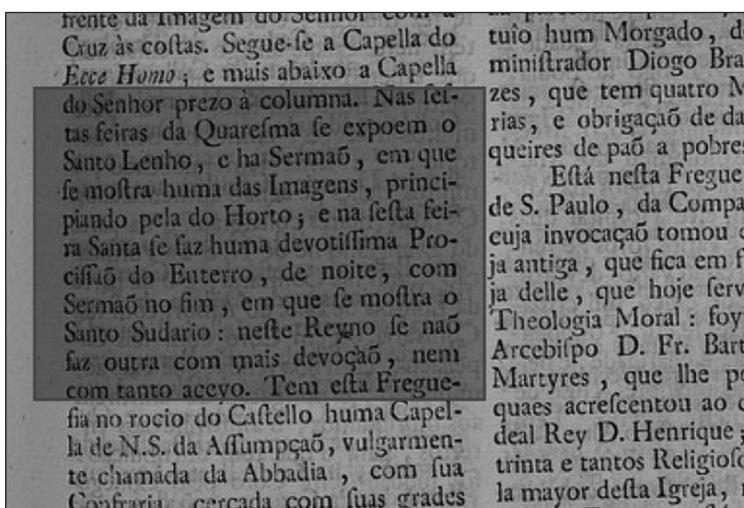


Imagem 7 – Referência à Procissão do Enterro do Senhor no Dicionário Geográfico do Padre Luís Cardoso, no parágrafo descritivo da Igreja de Santa Cruz de Braga.

Demais informações a respeito deste préstito, o mais solene e lúgubre da Semana Santa bracarense, podemos encontrá-las no Arquivo da Irmandade de Santa Cruz, particularmente descritas no Livro de Estatutos de 1762²⁶. A procissão do Enterro deveria conduzir uma urna com a imagem de Cristo morto, juntamente com a imagem de Nossa Senhora da Soledade transportada num andor. O restante figurado seria composto pelos estandartes da corporação, juntamente com os figurantes representando São João Evangelista, Maria Madalena, o Centurião, soldados romanos, anjos e profetas, os mesmos que se integravam na representação do Descimento da Cruz.

A propósito da vivência quaresmal dos irmãos de Santa Cruz, o *Dicionário Geográfico* refere, com particular ênfase, a celebração comunitária realizada em todas as sextas-feiras da Quaresma. Diz-nos o descritivo que “nas sextas feiras da Quaresma se expoem (na igreja de Santa Cruz) o Santo Lenho, e há Sermão, em que se mostra huma das Imagens, principiando pela do Horto”. Associando este dado à organização interna do templo da Irmandade de Santa Cruz – representações retabulares da figura de Cristo nos sucessivos episódios da sua Paixão, num crescendo dramático desde a oração no Getsémani até à morte na Cruz – percebemos a importância da vivência quaresmal na missão desta Irmandade bracarense.

9

Sexta-Feira Santa: O Descimento da Cruz

A informação mais relevante a propósito dos cerimoniais públicos realizados na Sexta-Feira Santa em Braga refere-se a uma cerimónia designada do "Descimento da Cruz" que antecedia a Procissão do Enterro. Este género de encenações, representadas ainda em algumas localidades portuguesas, consiste na teatralização da morte de Cristo seguida da remoção do seu corpo desde a Cruz.

Em Braga também se realizou em algumas ocasiões “com toda a grandeza”²⁷ e contando com a concorrência de “muita gente de fora de longe”²⁸. Sabemos

que se realizou em 1729, 1760, 1770 e 1803, dado que os memorialistas bracarenses o deixaram claramente exposto nos seus escritos. Sabemos também que entre os anos de 1729 e 1760 a mesma encenação não se realizou, bem como entre 1760 e 1770. A relevância da encenação, os meios que implicava e, até, o número de “forasteiros” que atraía, são dados devidamente sublinhados nos três manuscritos que integram o espólio do Arquivo Distrital de Braga.

O local escolhido para levar a efeito o Descimento da Cruz era preferencialmente o pátio frontal da igreja de Santa Cruz, dado que a organização pertencia à Irmandade de Santa Cruz. Em 1760, após 31 anos de interregno, a encenação foi levada a efeito “com muita decencia e gravidade”, tendo a representação contado com “43 figuras”. A mesma crónica informa-nos que o acto, que deverá ter despendido muitos meios, resultou da iniciativa do Juiz da Irmandade vigente, o abastado João Duarte Faria, o mesmo que mandou construir o magnífico Palácio do Raio. O desembargador, responsável por este manuscrito, na sua descrição do Descimento da Cruz sublinha particularmente o facto da mesma não se realizar “havia trinta e hum annos”. A dinâmica do seu Juiz-Provedor terá sido, porventura, decisiva para o retomar desta encenação, que marcava sobremaneira as celebrações de Sexta-Feira Santa.

A mais alongada descrição desta tradição pascal bracarense vem, contudo, expressa no *Diário e Livro de Razão de João Luís Jácome*, informando-nos, desde logo, de uma nova localização da mesma. Realizou-se, na tarde de “8 de Abril de 1803 dia de Sesta feira da Paixão do Senhor”, no então Campo de Santana (actual Avenida Central), no espaço que intermediava a Torre dos Congregados e o Recolhimento das Convertidas. A importância desta organização estava bem patente na logística aplicada no dito campo: uma elevação em forma de monte, onde decorreu a encenação, e palanques junto às casas com o intuito de acolher a numerosa assistência aguardada. Segundo o testemunho deste fidalgo da Casa do Avelar, a encenação arrastou inúmeros forasteiros a Braga, entre os quais se encontravam “famílias nobres”. Se encheu “todo o dito Campo e janellas de gente, athe à Senhora da Lapa, cruzeiro do heirado, e porta do Souto, e se julgou serem mais de quarenta mil pessoas que alli estavam”, refere ainda. Este dado é complementado com a informação de que esse dia contou com “muito frio” e “chuveiros”. Apesar disso, a multidão não dispersou. Quanto à encenação em si, sabemos que estavam vestidos “com a

maior riqueza” os Profetas, S. João, Maria Madalena, as Marias e o centurião, tal como os Anjos e os soldados. A encenação partia em cortejo desde a igreja da Lapa até à elevação montada no meio do Campo de Santana. No final da representação se pronunciava um sermão, facto que já se verificara em 1770²⁹.

A magnitude da iniciativa, que provavelmente se realizara nos anos antecedentes, aparece atestada também pelo reforço de segurança que implicou. No testemunho de João Luís Jácome se refere que “vieram soldados de Viana” para “arrumar” o povo.

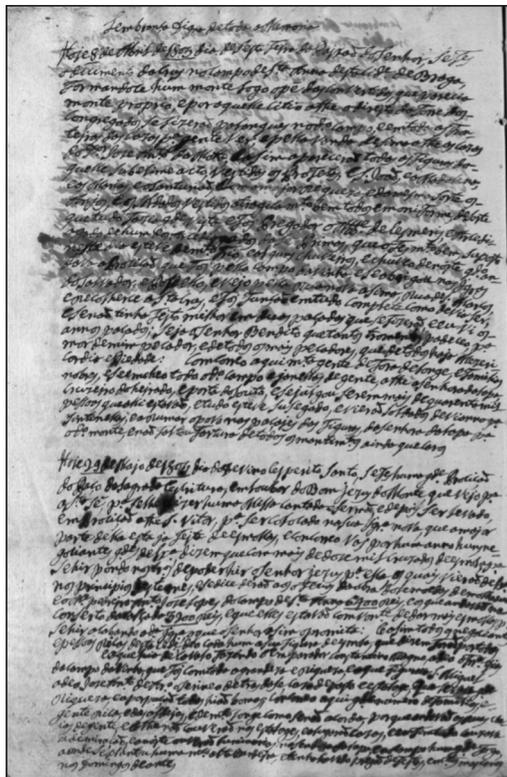


Imagem 8 – Diário e Livro de Razão de João Luís Jácome: testemunho da realização da encenação do Descimento da Cruz no ano de 1803 (Arquivo Distrital de Braga – Fundo da Casa do Avelar).

Considerações finais

A partir dos textos apresentados nesta exposição lográmos realizar uma “viagem” por alguns dos arquivos da cidade, no sentido de dar a conhecer alguma da documentação alusiva à história dos principais momentos vividos na Semana Santa bracarense entre os séculos XVI e XIX. Desde arquivos públicos, como é o caso do Arquivos Distrital de Braga e do Arquivo Municipal de Braga, passando pelos arquivos das corporações religiosas da cidade, foi levado ao conhecimento do público documentos desatendidos no contexto da história das solenidades bracarenses.

Uma parte significativa da memória das manifestações religiosas ligadas à Semana Santa de Braga encontra-se preservada nos fundos documentais do Arquivo Distrital de Braga. Merece particular destaque o Fundo da Misericórdia de Braga, que integra documentação manuscrita desta instituição que remonta ao século XVI, e, em particular, relativa à Procissão de Endoenças. Relevante é também o fundo dos Manuscritos, constituído por manuscritos contendo memórias relacionadas com as celebrações.

Foi evocada a memória da desaparecida Procissão de Cinzas, através do Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, sediada na igreja dos Terceiros. Também o Arquivo da Irmandade de Santa Cruz contém informação de grande importância para aferirmos as dinâmicas presentes na Semana Santa bracarense, nomeadamente relativas à Procissão do Senhor dos Passos, mas também relativas à Procissão do Enterro e à encenação do Descimento da Cruz, organizações que partiam da iniciativa desta Irmandade. Também o Arquivo Municipal de Braga nos revela fontes relacionadas com a realização da via-sacra de Braga.

Entre as principais fontes documentais encontradas, salientam-se os Livros de Compromissos das Irmandades e Confrarias, os livros de Atas, complementados por livros de despesa, que permitem identificar as dinâmicas inerentes à sua composição. Os manuscritos dos memorialistas bracarenses da época, sobretudo da centúria setecentista, revelam-nos a perspetiva de particulares sobre os acontecimentos associados.

Às fontes manuscritas juntam-se as impressas, presentes na Biblioteca Pública de Braga, e as visuais, traduzidas num conjunto de imagens alusivas aos vários momentos da Semana Santa e que integram o espólio dos Museus da Imagem e Nogueira da Silva.

Estes acervos documentais, na sua grande maioria por estudar, evidenciam a relevância do estudo e investigação da memória da Semana Santa de Braga, um património cultural imaterial de incomensurável valia.

Notas

¹ Cf. *Livro 5.º de termos da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, 1764*, fl. 29: sobre a constituição e ordem dos andores da procissão de Cinzas (Arquivo da Venerável Ordem Terceira de Braga, Igreja dos Terceiros).

² Cf. *Livro 6.º de Termos da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco*, fl. 29 v.: sobre os andores e as suas dimensões (Arquivo da Venerável Ordem Terceira de Braga, Igreja dos Terceiros).

³ Cf. "Procissão de Cinzas". *O Bracarense*. Braga. 30 de Janeiro de 1869, p.2.

⁴ Cf. "Procissão de Cinza". *Commercio do Minho*. Braga. 22 Fevereiro 1876, p. 2.

⁵ Até esta definição oficial da parte da hierarquia da Igreja Católica, o percurso da Via Sacra detinha um número variável de "passos". Era muito frequente serem sete o número de etapas, existindo até muitos lugares em Portugal que edificaram capelas devotadas a cada "passo" da Paixão. Nas cidades de Ovar e Guimarães foi edificado um circuito com sete capelas de Passos. Todavia, registam-se casos em que são apenas cinco, seis ou oito estações.

⁶ Cf. MILHEIRO, Maria Manuela Campos – *Braga: a cidade e a festa no século XVIII*. Braga: Universidade do Minho, 2003, pp. 332-333.

⁷ Cf. *Livro Segundo das Despesas da Irmandade de Santa Cruz, 1720-1802*: onde se referem os gastos com a renovação dos Passos da Via Sacra (Arquivo da Irmandade de Santa Cruz)

⁸ Cf. *Livro n.º 41 de Receita e Despesa da Câmara* – anos de 1742 e 1743: despesas previstas com as procissões das Vias-Sacras, nomeadamente com os honorários do "Juiz de Fora, três vereadores, procurador e escrivão" (Arquivo Municipal de Braga).

⁹ *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*: referência à Procissão do Senhor dos Passos no "Dicionário Geográfico" do Padre Luís Cardoso (1747-1751).

¹⁰ Cf. *Livro dos Estatutos da Irmandade de Santa Cruz, 1773, n.º 96*: primeira referência à Procissão dos Passos após a fusão com a Confraria dos Passos do Senhor (Arquivo da Irmandade de Santa Cruz).

¹¹ FIGUEIREDO, Antero de – *O Último Olhar de Jesus. 7.ª edição*. Lisboa: Bertrand, 1928, p. 42-44.

¹² Cf. *Compromisso da Misericórdia de Braga, de 1628, com aprovação régia de 1630*, no capítulo “Do modo com que se há de ordenar a procissão das Endoenças”. (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1628-1630, n.º 2, fls. 28v. e 29.)

¹³ Cf. *Compromisso da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1619, cap. II, fl. 3.

¹⁴ CAPELA, José Viriato; ARAÚJO, Maria Marta Lobo de – *A Misericórdia de Braga 1513-2013*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2013, pp. 28-29.

¹⁵ Cf. *Compromisso da Misericórdia de Braga, de 1628*, no artigo 2.º, do capítulo II, “Das obrigações dos irmãos”, estabelece-se ser obrigatoriedade dos irmãos da Misericórdia acompanharem a Procissão de Endoenças. (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1628-1630, n.º 2, fl. 4v.)

¹⁶ Cf. *Livro dos Termos n.º 13, 1735*, em que se decidiu a realização do sermão da Paixão ao recolher da procissão. (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1734-1746, n.º 13, fl. 90v.)

¹⁷ Cf. *Livro dos Termos n.º 13, 1743*, na qual se determinou que a Procissão de Endoenças, que então se realizava às oito horas da noite, se fizesse às três horas da tarde, decorrente de ordens régias proibirem a realização das procissões durante a noite. (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1734-1746, n.º 13, fl. 325).

¹⁸ Cf. *Compromisso da Misericórdia de Braga, de 1628*, com a descrição “Do modo com que se há de ordenar a procissão das Endoenças”. (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1628-1630, n.º 2, fls. 28v. e 29.)

¹⁹ *Livro dos Termos n.º 12*: ata da Mesa de 17 de março de 1727, em que se deliberou dar os doces aos penitentes na Procissão de Endoenças (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1723-1734, n.º 12, fl. 134v)

²⁰ *Livro dos Termos n.º 24*: ata da Mesa Administrativa de 29 de março de 1826, na qual se dá conta do pagamento da música que acompanhou a procissão e do “refresco” que se daria no final. (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1817-1826, n.º 24, fl. 320).

²¹ Cf. *Livro do Celeyro da Caza da Santa Mizericordia da cidade de Braga*, referindo a despesa que fez o celeireiro no ano económico de 1686-1687 com os homens que levaram os fogaréus. (ADB, Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1685-1686, n.º 525, fl. 63.)

²² CAPELA, José Viriato; ARAÚJO, Maria Marta Lobo de – *A Misericórdia de Braga...*, p. 462.

²³ Referência à Procissão do Enterro do Senhor no *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas (1747-1751)*.

²⁴ *Livro Curioso, Ms. 341*: testemunho da realização do Descimento da Cruz e Procissão do Enterro no ano de 1770 (Arquivo Distrital de Braga – Coleção ou Fundo dos Manuscritos).

²⁵ Ibidem.

²⁶ *Livro dos Estatutos da Irmandade de Santa Cruz de 1762*: referência à Procissão do Enterro do Senhor (Arquivo da Irmandade de Santa Cruz).

²⁷ Cf. *Livro Curioso*, Ms. 341.

²⁸ Cf. *Memórias Particulares de Inácio José Peixoto*, Ms. 857.

²⁹ *Memórias Particulares de Inácio José Peixoto*, Ms. 857: testemunho da realização do Descimento da Cruz e Procissão do Enterro no ano de 1760 (Arquivo Distrital de Braga – Coleção dos Manuscritos).

Bibliografia

Documentos e outros manuscritos consultados

Arquivo da Irmandade de Santa Cruz – *Livro dos Estatutos da Irmandade de Santa Cruz, 1773, n.º 96*.

Arquivo da Irmandade de Santa Cruz – *Livro dos Estatutos da Irmandade de Santa Cruz de 1762*.

Arquivo da Irmandade de Santa Cruz – *Livro Segundo das Despesas da Irmandade de Santa Cruz, 1720-1802*.

Arquivo da Venerável Ordem Terceira de Braga, Igreja dos Terceiros – *Livro 5.º de termos da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, 1764*.

Arquivo da Venerável Ordem Terceira de Braga, Igreja dos Terceiros – *Livro 6.º de Termos da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco*.

Arquivo Distrital de Braga | Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga – *Compromisso da Misericórdia de Braga, 1628-1630*.

Arquivo Distrital de Braga | Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga – *Livro dos Termos n.º 13, 1734-1746*.

Arquivo Distrital de Braga | Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga – *Livro dos Termos n.º 12: 1723-1734*.

Arquivo Distrital de Braga | Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga – *Livro dos Termos n.º 24, 1817-1826*.

Arquivo Distrital de Braga | Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga – *Livro do Celeyro da Caza da Santa Misericordia da cidade de Braga*, 1685-1686.

Arquivo Distrital de Braga | Coleção ou Fundo dos Manuscritos – *Livro Curioso*, Ms. 341.

Arquivo Distrital de Braga | Coleção ou Fundo dos Manuscritos – *Memórias Particulares de Inácio José Peixoto*, Ms. 857.

Arquivo Municipal de Braga – *Livro n.º41 de Receita e Despesa da Câmara* – anos de 1742 e 1743.

Compromisso da Misericórdia de Lisboa. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1619.

Periódicos consultados

O Bracarense [1870-1889]

Commercio do Minho [1873-1922]

Livros, artigos e outros documentos

CAPELA, José Viriato; FERREIRA, Ana Cunha – *Braga Triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: 2002.

CAPELA, José Viriato; ARAÚJO, Maria Marta Lobo de – *A Misericórdia de Braga 1513-2013*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2013.

CARDOSO, Luiz – *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1747-1751. [Cópia pública em <http://purl.pt/13938>].

CASTRO, Maria de Fátima – “Devoções ligadas à Misericórdia e Sé Primaz de Braga”. *Via Spiritus* 7 (2000), pp. 163-201.

- COUTINHO, Jorge – “A Semana Santa de Braga e a Santa Casa da Misericórdia”. *Misericórdia de Braga* 7 (2011), pp. 13-44.
- FIGUEIREDO, Antero de – *O Último Olhar de Jesus*. 7.^a edição. Lisboa: Bertrand, 1928.
- FREITAS, Bernardim José de Sena – *Memórias de Braga*. Braga: Imprensa Catholica, 1890.
- MACEDO, Ana Maria (edit.) – *Memórias e diário íntimo de um fidalgo bracarense 1787-1810*. Braga: Arquivo Distrital/Universidade do Minho, 2013.
- MILHEIRO, Maria Manuela Campos – *Braga: a cidade e a festa no século XVIII*. Braga: Universidade do Minho, 2003.
- PEIXOTO, Inácio José – *Memórias Particulares*. Braga: Arquivo Distrital/Universidade do Minho, 1992.
- THADIM, Manoel José Silva – *Época dos Annaes e Memórias bracarenses*. Ed. Fac-simile.